

azevedo

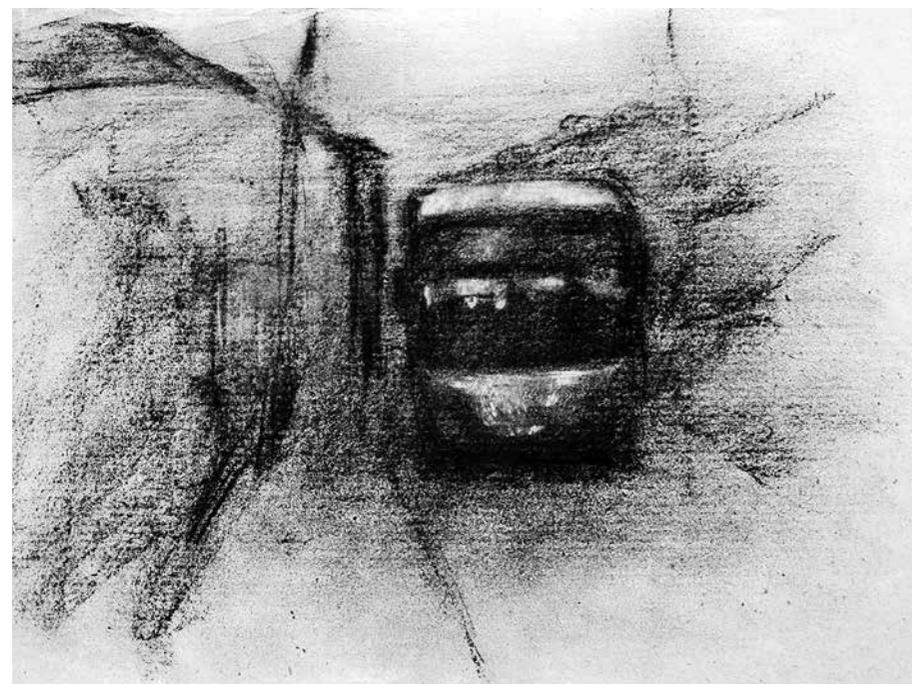


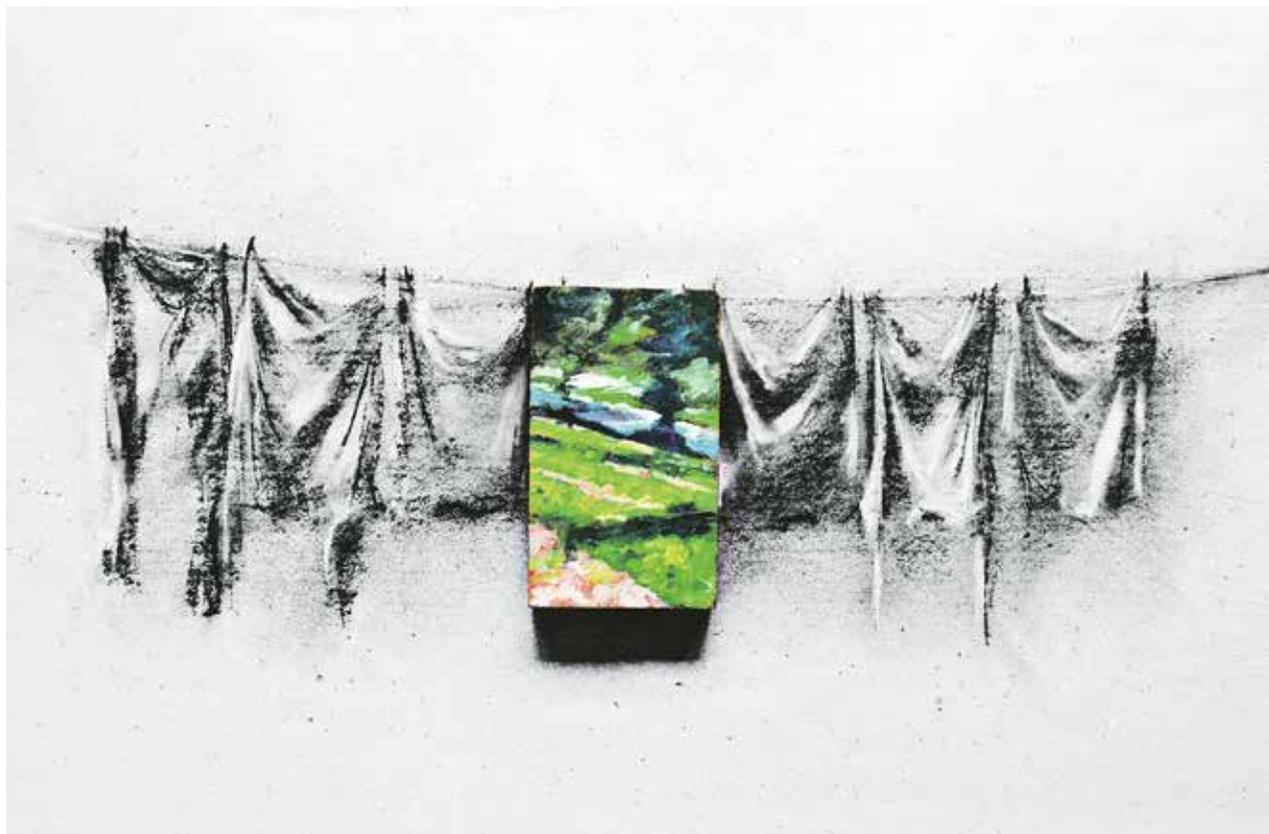
...existem pessoas dentro de um autocarro que acabaram de receber um pequeno livreto, um jornal ou folheto, no qual há um punhado de palavras que narram encontros de um homem não com outra pessoa, mas encontros de um homem com um sítio...

A coreografia dos pássaros. Os pássaros tem uma coreografia que só eles conhecem. A coreografia dos autocarros. Os autocarros também tem lá sua dança, suas curvas e retas, seus fluxos e suas paragens, às vezes alguma colisão. Essa linha de autocarros, por exemplo, linha 400, é uma linha que faz um caminho aparentemente curto. Se estás nesse autocarro, é porque vais em direção a Azevedo ou vais embora de lá. Certo?

A festa que o sol faz quando encontra a pele, a beleza singela que pode nascer entre as pedras, as ruínas, algum silêncio e o verde da relva, o azul do céu, o latido dos cães, o rangido dos carros e as árvores, as muitas árvores de Azevedo. Sim, sim, eu preciso confessar: em Azevedo sinto-me diferente. Não sei explicar.

À margem do que, à margem de quem? Tudo o que me disseram sobre Azevedo me foi dito antes mesmo de eu conhecer Azevedo. Disseram-me que Azevedo estava à margem. Eu perguntei: à margem do quê? Ninguém me respondeu. Azevedo está à margem de quem? Não me responderam. Então peguei o autocarro, linha 400, e embarquei rumo a Azevedo.





A rotunda na Estrada da Circunvalação que permite o acesso a Azevedo tem uma placa com o nome Azevedo seguido de uma seta, apenas uma seta, uma seta, não duas setas. Olhe com atenção. Está escrito Azevedo e logo ao lado tem uma seta, apenas uma: Azevedo e >

Acredito que deverias sim, Azevedo, que deverias sim receber mais atenção e cuidado. Ah, o Progresso! Políticos gostam de falar do progresso como se o progresso fosse uma estrada de mão única. Deveríamos perguntar não apenas aquilo que o progresso pode nos trazer, mas, sobretudo, deveríamos nos perguntar sobre tudo aquilo que o progresso rouba de nós. É melhor não falarmos do progresso. Alguém deveria ter o cuidado de nos apresentar um ao outro. Eu (quem escreveu essas palavras) e tu (que pode estar a lê-las). Alguém devia ter-nos apresentado um ao outro: eu, que escreve palavras, e tu, Azevedo, que me faz escrevê-las.

Algum poema começa em ti, Azevedo. Tenho a sensação de que tu, Azevedo, inauguras algum poema que ainda sequer nasceu.

Ali onde estou, sentado sobre aquela pedra, há muito acontecendo: de um lado, passa uma estrada com carros indo e voltando; do outro lado, há um imenso parque. Como é grande! Como é vasto! Tenho a sensação de que mesmo que eu conheça esse parque, ainda assim é provável que eu não consiga conhecê-lo inteiramente.

Amanhã eu estarei naquela esquina. Descerei a rua, aquela rua, com calma e lentidão. Quando chegar ao fim da rua, lá embaixo, ainda será dia e o sol estará brilhando. Amanhã estarei naquele parque. Descerei o monte, aquele monte, com rapidez e habilidade. Quando chegar à saída do parque, esperarei pelo autocarro na paragem Parque Oriental.

Amanhã eu passarei a mão em ti, Azevedo. Esfregarei meu corpo em ti e por toda a tua extensão. Como quem não deseja nada, quando estiver cruzando uma rua, eu pararei e meterei os dedos dentro das pedras de um muro teu. Depois, como quem acredita não ser visto por ninguém, pararei diante de um cão e lhe farei confidências amorosas. Mas não só isso: num dado momento, quando estiver caminhando por suas ruas, sentarei-me ao chão de pedra para nele encostar a minha cabeça: deitado sobre o chão da rua, orelhas coladas à pedra, tentarei ouvir os teus segredos, Azevedo.

Ao longe, os cães estão conversando. Há cães em Azevedo e eu pergunto por qual motivo não há cães lá na Avenida dos Aliados. Há cães em Azevedo, é possível ver, é possível ouvir, eles estão por todos os lados. E eu também. Eu estou aqui.

Azevedo é Porto, disse-me a senhora ontem. Mas a fala dita ontem ainda hoje é repetida. Azevedo é Porto, eu mesmo direi essa frase amanhã. Tu és Porto, Azevedo, essa não é a questão. A questão agora parece ser apenas uma: será que o Porto sabe que tu também és parte dele, Azevedo?



...será que o Porto sabe que tu também és parte dele, Azevedo?

Azevedo é Porto, disse-me a senhora.

Azevedo foi posta à margem do que, de quem? Azevedo foi posta à margem do progresso?!

Azevedo, Azevedo, se eu pudesse te perguntar algo eu perguntaria se és solteiro ou casado. Eu me apaixonaria por ti, Azevedo, eu juro que eu me apaixonaria por ti.

Caminho por tuas ruas. Passo por algumas pessoas, algumas delas me olham, outras sequer me enxergam. Mas eu sigo caminhando e ao caminhar olho para tudo e para todos. Como posso estar em ti, Azevedo, sem olhar-te com a devida atenção?

Chegando em ti, chegando lá em Azevedo ou aqui em Azevedo, dentro do autocarro em movimento, é possível espiar dentro dos quintais de algumas casas. É possível ver plantações, pequenas hortas, nada muito grande, mas alguma agricultura a florescer. Fiquei com vontade de perguntar-te, Azevedo, sobre aquilo que é produzido por ti. O que Azevedo produz? Além de toda essa paz, o que mais tu produzes, Azevedo?

Chego em ti com carinho e respeito. Sou assim, venho de fora, devo pedir licença e chegar com calma. Como é possível que dentro de uma cidade exista outra cidade?

Como devo chamar-te? É o Azevedo ou a Azevedo?

Contigo, Azevedo, tenho a sensação de que será preciso algum tempo até eu poder dizer que te conheço. Que conheço-te verdadeiramente. Até lá, conservo o mistério do nosso encontro. E continuarei chamando de cura, provisoriamente, chamarei de cura isto que surgiu entre nós, isto que entre nós continua, isto que tu provocas em mim, Azevedo: sim, alguma cura.

Conversa estranha, eu sei, mas é o que sinto, é o que sinto agora. E o agora desse agora já não é o agora daquele dia em que passei algum tempo deitado sobre uma grande pedra no parque. O agora desse instante já não é o agora daquele céu azul, mas talvez ainda seja o agora daquele início de tarde quando o autocarro (esse autocarro) estava cheio de pessoas.



Daqui onde estou, dentro do autocarro, parado a uma paragem, vejo um jovem e uma senhora retirando os casacos para aproveitarem o sol que hoje nos esquenta a todos. Mas o autocarro segue em movimento, portanto, daqui onde estou agora, o que vejo é apenas uma estrada ao longe. Caso olhe para os lados, talvez tu me encontres. Eu estou de banho tomado e todo perfumado. Estou assim para te ver. Tudo isto para te conhecer. Disseram-me muito sobre ti. Sei coisas sobre ti que não vi de perto, que não toquei, que não li no teu olhar, coisas que apenas me disseram, coisas que ouvi. Serão verdade, Azevedo?

...é apenas uma estrada ao longe. Caso olhe para os lados, talvez tu me encontres. Eu estou de banho tomado e todo perfumado. Estou assim para te ver.



Deveríamos dar uma festa e muitos parabéns aos motoristas logo após eles conseguirem entrar com o autocarro naquela rua espremida que parece ter apenas 10 centímetros de largura a mais do que a própria largura do autocarro. É um sufoco! Hoje foi preciso parar, dar à ré e tentar novamente, mas conseguimos. Ontem também conseguimos. Conseguiremos amanhã. Parabéns, seu motorista! Qual é o teu nome?

Duas senhoras passam caminhando. Eu estou deitado à pedra e consigo entreouvir uma delas dizendo olha lá tem uma cor de rosa logo ali embaixo. Mais tarde, quando eu estiver a sair do parque, passarei novamente por esse par de senhoras e as duas estarão a levar mudas de plantas em vossas mãos. Elas falam das plantas como se em ti, Azevedo, houvesse prendas escondidas. Como se tu, Azevedo, fosses um reino cheio de raras especiarias. Talvez sim, Azevedo, talvez cada pessoa encontre em ti a cura que necessita.

E a senhora reclama que deveria ter aproveitado mais o sol de hoje para estender as roupas ainda úmidas para secar. Ela aproximou-se de mim, olhando-me e perguntando se eu sabia em quantos minutos passaria o próximo autocarro. Eu a perguntei: da linha 400? Ela riu e respondeu: há outra linha? Eu caminhei com ela até a paragem e consultei o quadro que nos informou que em 20 minutos passaria um novo autocarro da linha 400 em direção ao Porto. Ela me olhou com os olhos arregalados e disse-me: aqui é Porto!

É como alguma cura.

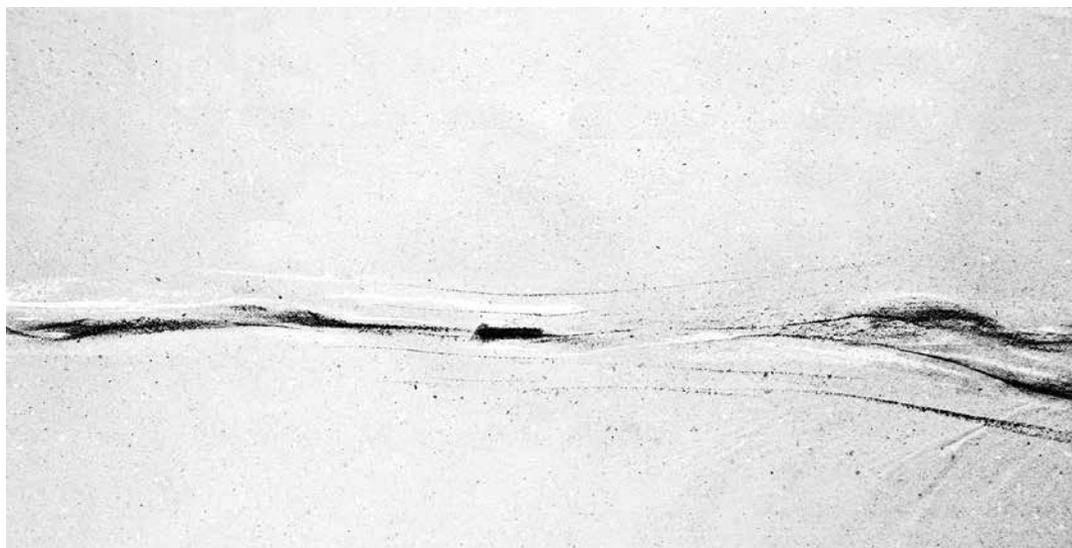
É como se tu fosses e pudesses ser um abrigo, uma espécie de casaco, um imenso casaco de moletom e flanelado, com uma cor de relva bem verde.

É como uma cura. Tu és como uma cura para mim.

É curioso, não?

Talvez eu esteja falando mais de mim do que te ouvindo, Azevedo. Talvez quando chego aqui em ti, tu me provoques a me dizer. É como se tu fosses meu terapeuta. Basta chegar em ti que me sinto num divã.

E digo-te mais: algo em ti me encanta, Azevedo.



E o silêncio?

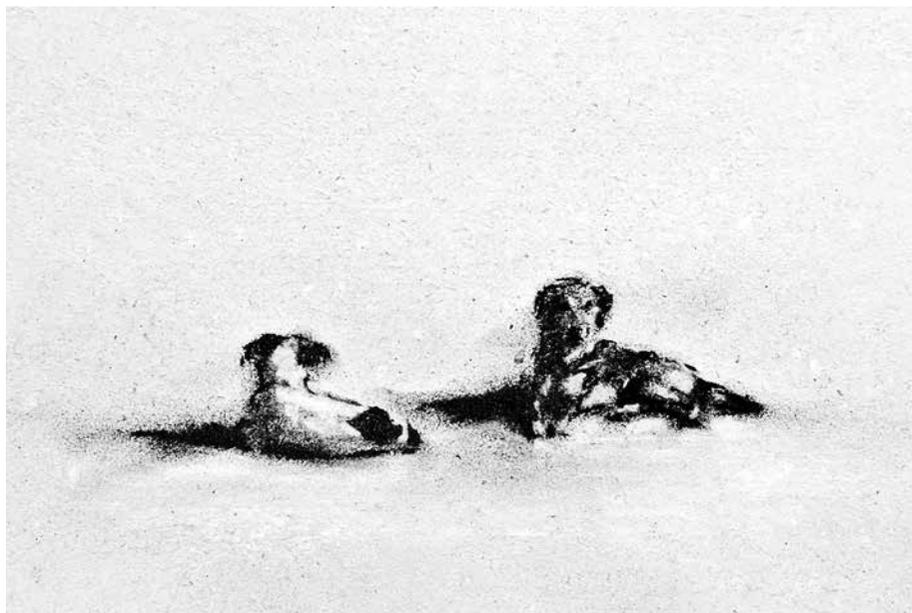
Há um silêncio misterioso aqui ou lá. Quando digo aqui é em Azevedo. Quando digo lá é também em Azevedo. Azevedo está em todos os sítios, Azevedo aqui e acolá. Em ti, Azevedo, até o silêncio tem seu som.

Ela, a senhora que está comigo nessa paragem aguardando o próximo autocarro da linha 400, ela fala-me a palavra periferia como quem sabe os limites que uma palavra é capaz de impor ao corpo que ela nomeia.

Ela, então, decidiu contar-me sobre a própria vida. Já é outro dia que não ontem. Encontrei-me com aquela senhora tantas vezes que posso encontrá-la também em sonho. No encontro desse agora, quer ele seja de hoje ou de antes, ela conta-me sobre a própria vida. Ela diz-me que vive em Azevedo desde pequenina. Eu digo que moro lá no Porto. Eu digo bem assim: eu moro lá no Porto, ao que a senhora responde: aqui também é Porto! Azevedo é Porto! Depois ela explica-me que aqui é a periferia.



Entro no autocarro só para te encontrar, Azevedo. Entro para ir ao teu encontro. Embarco num autocarro para te conhecer. Só há uma linha de autocarro que me levaria a ti. Bendita linha 400! Cruzando ruas, entre céu e pedras, cruzando prédios e pessoas, onde estarias? Eu me pergunto. Onde estarás? Estou agasalhado, o sol está quente, mas faz um pouco de frio. Que horas são? Que hoje é hoje? Qual foi o ontem de ontem? Eu caminho por tuas ruas, Azevedo, sem saber onde estou nem onde pousarei.



Escrevo, portanto, para registrar em palavras tudo aquilo que escorre para além delas. As manhãs e tardes em que vim até ti, Azevedo. Nossas longas conversas e confidências. Como escrevê-las? Ajude-me. Imaginemos que existem pessoas dentro de um autocarro que acabaram de receber um pequeno livreto, um jornal ou folheto, no qual há um punhado de palavras que narram encontros de um homem não com outra pessoa, mas encontros de um homem com um sítio específico. Eis uma nova modalidade para as tão acostumadas histórias de amor: não é mais sobre o amor entre um ser humano e outro, mas sim sobre o amor de uma

pessoa com um sítio. O amor entre mim (quem escreve estas palavras) e Azevedo (que me põe a escrevê-las).

Escrevo para contar-vos sobre uma mulher que vi em Azevedo. Eu estava caminhando pelas ruas de lá, como costume fazer, pelas ruas de lá ou daqui, e logo após cruzar a escola de Azevedo, segui caminhando e lá estava ela: parada à janela do apartamento dela. A janela parecia ser a moldura e a mulher dentro do apartamento parecia ser a pintura de um quadro. Ela olhava para a frente, bem para a frente, mas não como quem procura algo. Ela estava parada e parecia apenas esperar. Esperar. Ela esperava quem, esperava pelo o quê? Após

observá-la por um tempo, passei caminhando pela rua em frente à janela dela e, alguns passos depois, voltei os olhos para mirá-la e ela continuava lá: parada, ainda esperando, olhando e respirando, vivendo apenas. Afastei-me dali sem entender por qual motivo eu estava me sentindo tão incomodado com aquela presença, com aquela tranquilidade toda. Ela deveria fazer alguma coisa? Ela deveria estar em movimento? Por que me assusta tanto essa paz que parece morar em Azevedo?

Estive a pensar que a linha 400 começa na Avenida dos Aliados e pronto, é apenas isto. Não há mais autocarros saindo de outros pontos do Porto em direção a Azevedo. As próprias paragens de autocarro em Azevedo informam que apenas uma linha passa por elas: a linha 400. E se eu quiser sair de Azevedo e ir para além da Avenida dos Aliados? E se eu estiver noutro ponto mais distante da cidade e quiser ir direto para Azevedo? A senhora havia dito: Azevedo é Porto. E eu pergunto às autoridades do Porto se elas também sabem disso.

Os senhores sabem disso?

Eu anoto rapidamente em meu pequeno caderno: há outro ar aqui. De fato, aqui tem outro ar, aqui em Azevedo, lá, aqui e lá, acolá, talvez lá tenha outra terra e muitas vielas, aqui há muitas ruas e ruelas, passamos por elas e eu desço na paragem de nome Azevedo e o nosso primeiro encontro, Azevedo, aconteceu e foi exatamente isto que foi: um encontro nada extraordinário. Sou apenas um homem que saltou do autocarro e pisou no teu solo, Azevedo.

Eu estou aqui em ti, Azevedo, e nenhum mapa é capaz de contar a nossa história. Imaginar que cada pessoa dentro desse autocarro tem a sua história própria com Azevedo. Imaginar que algumas histórias se parecem. Imaginar que outro alguém, que não eu, também ficou emocionado ao saltar do autocarro e pisar no teu chão de pedras, Azevedo. Imaginar que há pessoas que, dentro de um autocarro, se deixam emocionar por conta da movimentação feita pelo carro. Para lá e para cá, dentro do autocarro, chacoalhando, esse sou

eu: alguém que já esteve sentado nesse mesmo sítio onde agora tu estás.

Eu estou perfumado por sua causa. Não que tu me dês alguma importância, mas caminho por ti, Azevedo, e me sinto deveras bem recebido. Eu estou vivo. Fico todo emocionado. Acordei emotivo hoje, já devo ter dito. Eu já estive aqui e acolá, mas nunca estive em ti. Não em ti, Azevedo. Ainda não estive em ti. Eu poderia viver aqui. Eu poderia viver em ti e contigo. Eu respiro fundo Azevedo. Eu respiro o ar: Eu sou assim, Azevedo, sempre a procura de uma relva na qual possa deitar e descansar um pouco.

Eu não te disse que eu voltaria?

Já não sei se estamos mais para lá ou para cá, se chegando a Azevedo, se saindo de lá. Mas cá estou. No momento em que te escrevo essas palavras, já não estou em ti, Azevedo, mas no Bonfim, uma área do Porto bem perto de ti. No entanto, é como se em ti eu ainda estivesse, Azevedo, não sei bem como explicar: Fiquei algumas horas

em ti hoje (ontem e amanhã) e é curioso como um sítio continua em nós mesmo quando já não estamos mais nele.

Eu sou aquele ali, estão a ver?

Eu sou aquele ali deitado à pedra. Estou deitado à pedra. Não trouxe óculos de sol, nem hoje nem naquele dia. Eu olho o céu com a coragem dos olhos desencapados. A coreografia dos pássaros voando lá no alto, eu sem asas deitado sobre a tua pedra, Azevedo; ao menos tenho papel e caneta. Ao menos estou contigo. Por isso escrevo.

Eu sou aquele ali, vês? Alguém em dúvida se segue a caminhada pisando nas pedras, no asfalto ou na relva.

Eu sou assim: nas mãos trago caneta e caderno. Talvez tu tenhas me visto num dia destes.

Eu tenho em mim algum espaço, Azevedo, se quiseres, tu podes deitar em mim também, tu podes me usar.



Gosto mesmo de acreditar que nada do que me disseram sobre ti será verdade até eu te conhecer, Azevedo.



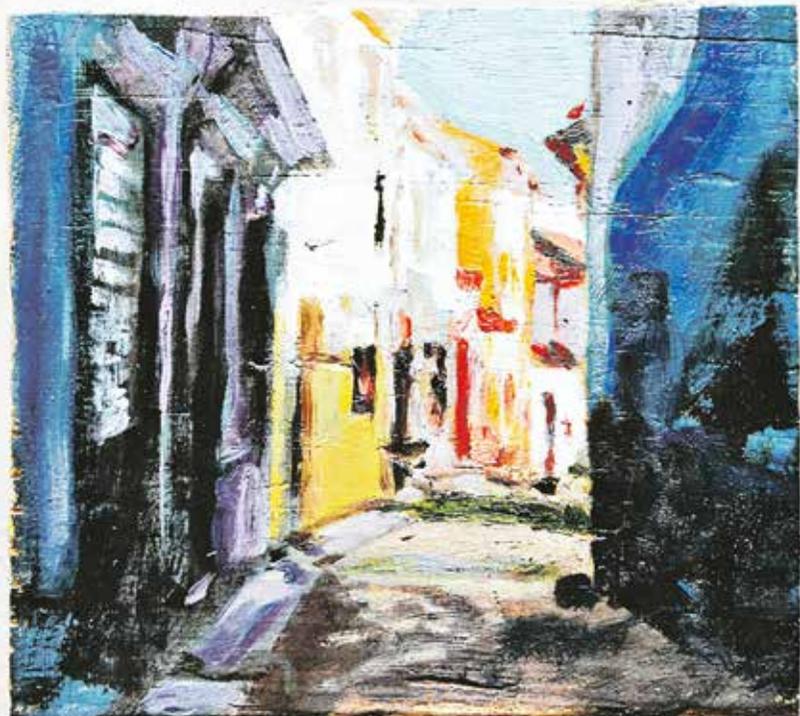
Há algum tipo de privacidade aqui que eu pareço perturbar. Há antenas nas varandas de teus apartamentos. Há casas e também prédios. Há cidades dentro de outras cidades. Há muito lixo por aqui. Há muitos prédios parecidos ou mesmo idênticos. Há pessoas nas janelas, há cães e gatos, pombos e carros. Há aquela mulher que parece uma pintura, ela está parada à janela. Há aquele homem e aquela árvore, eles se confundem entre si. Há muitos carros estacionados. Uma farmácia, um pequeno restaurante. Há uma paz aqui que deve custar caro, muito caro. Há o som e a sua ausência: ouço os carros e autocarros passando lá no longe das estradas. Há verde aqui, lá, acolá, em Azevedo, sim, em Azevedo há verde. Hoje acordei emotivo. Todo esse azul, toda essa relva, me botam comovido como o diabo.

Há gente de todas as idades nesse autocarro. Há gente de todas as idades nesse parque, naquele parque, pessoas com cães, pessoas com carros, naquela pedra eu estive deitado durante algumas horas, deitado à pedra e olhando ao céu, vendo a coreografia dos pássaros.

Há mistério mais lindo do que simplesmente existir?

Hoje é o terceiro dia seguido que vou até Azevedo. Embarco num dos autocarros da linha 400 e desembarco lá, numa das inúmeras paragens que existem em Azevedo. Quando chego lá, o que faço é essencialmente caminhar e observar. Após algumas horas, caminhando e observando, por vezes escrevendo e fotografando, embarco novamente noutro autocarro da linha 400 e vou em direção a minha casa, que fica no Bonfim. Quando chego em casa, meu corpo parece sempre trazer algo mais de Azevedo. É como se as palavras não pudessem escrever.

Anoto num pedaço de papel: investigar como é possível um sítio continuar mesmo fora dele próprio; Azevedo continua em mim.



Hoje eu passei a mão em ti, Azevedo. Esfreguei o meu corpo em ti. Como quem não quer nada, cruzando tuas ruas, meti os dedos nas pedras de um muro teu. Depois, sem ser visto por ninguém, parei um cão, lhe fiz confidências amorosas e dei-lhe um beijo estalado no focinho. Não apenas isto: caminhando, em outro momento, não pude evitar e lancei-me ao chão de pedra para nele encostar a minha cabeça: adorava aprender a ser menos gente; adorava aprender a ser um sítio capaz de receber toda a gente em mim.

Hoje eu saltei do autocarro na paragem Parque Oriental. Amanhã saltarei no Lagarteiro. Ontem salto no Meiral. Amanhã saltei uma semana e já na outra salto algumas poças de água. Passado, presente e futuro se misturam. Espero que volte a chover o quanto antes. Não quis saltar na paragem de ontem, portanto, segui mais uma, mais duas, até que saltei no Parque Oriental. Ali saltei e minha tarde foi apenas isso: longas caminhadas pelo parque, longas caminhadas no denso parque que parece haver dentro de mim, longas conversas...

...comigo, consigo, enfim, agradeço-te, Azevedo.

Hoje meus olhos viram a tua escola. Fui até a entrada e ali fiquei por um tempo, vendo os putos a brincar. Agora, quando desembarco em Azevedo, já consigo conectar uma rua na outra e dizer que logo ali há um café ou um centro de saúde ou uma casa com paredes amarelas ou mesmo uma paragem de autocarro (já sei dizer os nomes das paragens, sei dizer o nome de algumas ruas). Quando conhecemos uma pessoa, o contato físico parece ser inevitável: seja um beijo, um toque ou abraço. E quando conhecemos um sítio, qual tipo de contato físico podemos ter com ele? Pisamos no sítio? Andamos pelo sítio? Ou podemos fazer outras ações com um sítio? O que tu fazes com Azevedo, hein? Tu mesmo. Tu que estás dentro desse autocarro. Tu indo para Azevedo, tu saindo de Azevedo. Tu que estás no meio do

caminho, no meio do autocarro, o que tu fazes com Azevedo? Já experimentastes dar um longo abraço em Azevedo?

Hoje não passei perfume. Amanhã terei passado. Amanhã, estarei com mais passado do que tenho hoje.

Hoje o autocarro está repleto de pessoas, toda a malta reunida. Há jovens que parecem estar retornando da escola, há senhores e senhoras, há um jovem homem escondido sob tanta barba preta, ele também tem cabelos pretos, ele veste um sueter preto, tem sobrancelhas grossas, ele segura um caderno e uma caneta, ele observa a tudo e a todos e, mesmo com o autocarro em movimento, ele ainda consegue escrever no caderno dele algumas palavras. As palavras que esse homem escreve, as palavras que ele está escrevendo, são as mesmas palavras que tu lês agora.

Hoje olhei com mais atenção: tem algo azul colado à placa que indica a entrada para Azevedo. A placa na rotunda da Circunvalação. Tem algo azul na placa. Um azul claro, cor do céu. Parece um pedaço de papel ou de plástico. Achei interessante, me fez pensar na relação entre as palavras azul e Azevedo. Azulvedo. Azulvejo. Azulejo. Azevedo. Para mim, Azevedo é mesmo um sítio no meio do caminho entre algumas cores: o verde da relva, o azul do céu e o cinza das pedras.

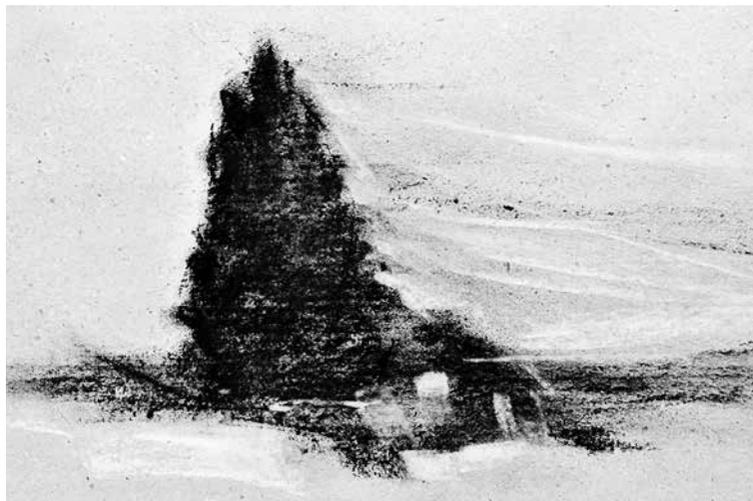
Hoje voltei a sentir aquilo que havia sentido ontem. Senti a ti, Azevedo, porém, mais como se tu fosses um abrigo, um repouso, como se tu fosses um ponto ou porto fixo onde a calma é a senhoria.

Hoje, ao entrar no autocarro, flagrei-me pensando sobre o tempo. Observei como alguns motoristas esperam as senhoras e os senhores de idade tomarem o assento antes de dar a partida no autocarro. Pensei no tempo e na confusão que costumo fazer entre presente, passado e futuro. Dizer que amanhã estarei em Azevedo quer dizer que não estou em Azevedo agora? O ontem ainda conserva tantos amanhã. Os futuros não estavam previstos nesse agora. Entrei no autocarro hoje, mas desembarquei dele apenas ontem. Como é possível?

Honestamente, teu chão coberto de folhas secas e sonoramente crocantes pareceu-me melhor do que meu colchão. Eu poderia dormir tranquilamente sobre as tuas almofadas. Essa tua árvore viraria um candeeiro imenso e eu faria de ti o TO mais lindo e imenso. Estou a falar de quem? Estou a falar da relva que só encontro lá mesmo, em Azevedo.



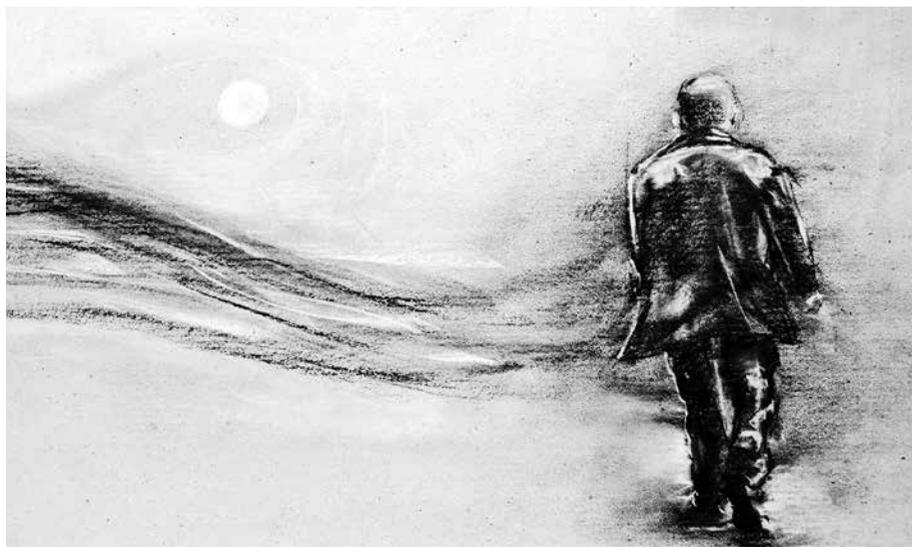
Imaginar um homem adentrando um sítio no qual ele nunca pisou, no qual ele nunca esteve. Com que fome esse homem chega? Com que delicadeza ele chega a esse sítio? Ele chega pedindo licença? Ele chega ouvindo, chega vendo, chega com calma ou com força, com fome e com sede, como um homem chega num sítio que não precisa dele para existir?



Indo embora de ti,
passando pelo Freixo,
flagrei uma relva que me
olhou e piscou os olhos
para mim.



Eu devo ter algum problema de ordem psicológica. As relvas me apaixonam. E elas parecem saber disso, Azevedo, porque elas me olham e me provocam. Isso sei perceber. Quando um trecho de relva me olha e me diz, mesmo sem falar palavra, que eu posso deitar nela e nela ficar por um tempo.



Lá mais ao longe, o Estádio do Dragão. Acho que é esse o nome. Há um shopping center ao lado do Estádio do Dragão. Mas aqui, em Azevedo, lá em Azevedo, o shopping center é apenas uma miragem. Ainda bem.

Lembras quando nos conhecemos, Azevedo? Foi ontem.

Lembro-me bem, Azevedo: eu comecei a te escrever estas palavras porque senti que tu não tinhas pressa e que, portanto, poderias tanto ouvir-me como responder-me.

Logo atrás de mim havia um senhor, eu bem me lembro. Um senhor sentado sobre um pequeno banco também de pedra. Protegido sob a sombra de uma árvore alta e com poucas folhas, ele lia algum livro iluminado pela luz do sol. Lembro-me bem: ele usava óculos.

Mais adiante uma mulher passeia com o seu cão. Que elegante o cão. Ele não corre, ele caminha lado a lado à mulher. Se fosse o meu cão, provavelmente, estaria a arrastar-me pelo parque.

Mais ao longe, um homem tirou a camiseta para aproveitar o sol. Ele agora está sentado sobre uma longa pedra. O sol hoje está realmente prazeroso. O sol amanhã. Ontem o sol.

Mais lá embaixo passou a caminhar um casal de namoradas.

Mas me emociona tanto a possibilidade de acontecer algo que nunca tinha acontecido. Piso em teu solo, Azevedo, como disseram que um homem outrora pisou no chão da lua. Aliás, piso em teu solo, Azevedo, sendo mais real do que qualquer acontecimento da história humana. Eu, um homem, descendo do autocarro e pisando no chão de Azevedo.



Mas tu nunca fostes a Azevedo? Ontem eu fiz essa pergunta a uma amiga. Ela respondeu-me: nunca fui, nunca fui. Lá é fixe? Ela perguntou-me. Eu sorri, abri a boca e depois fechei. Há algumas respostas que não merecem ser espremidas num simples sim ou não. Azevedo é mais que isso.

Não há mistério algum. Só o que há é alguma paz.

Nos meus olhos ainda trago aquilo que eles viram naquela tarde. Aquela tarde será para sempre uma tarde, mesmo que agora já seja noite ou manhã. Aquela tarde foi a tarde em que peguei um autocarro da linha 400 e me dirigi a Azevedo pela primeira vez. Por qual motivo eu fiz tal viagem? Fui para conhecer Azevedo, foi esse o motivo.



O cão fez os seus dejetos na relva em frente aquele prédio. Seu dono não recolheu os dejetos do cão como ainda limpou o próprio nariz num lenço e, em seguida, jogou o lenço sujo ao chão.

O céu hoje está especialmente lindo. O céu sobre nós, nós sob o céu, o céu que está sobre nós também está sobre tantos outros sítios, cidades, países, bairros e freguesias. Posso imaginar esse mesmo céu sobre meus amigos em outro continente.

O cheiro da relva misturado ao cheiro do lixo. Cheiro de lixo, de dejetos caninos, cheiro forte de uma relva que acabou de ser cortada. O lenço sujo do homem que jogou o lenço sobre a relva esverdeada.

O que Azevedo modifica em ti? Ontem dormi com essa pergunta em mim, acordei cedo, não tomei banho e voltei correndo para Azevedo.

O que deveria haver em ti, Azevedo, que em ti não há? O sol continua, ele continuou oferecendo calor e luz. O sol, o sol, o sol. Escrevo muito sobre o sol, pois o sinto, bastante e com vontade.



Talvez porque esteja frio, talvez porque em Azevedo o sol recebe a devida importância, talvez porque não há prédios bloqueando a dança solar; talvez porque em Azevedo há pedras que esquentam e esfriam, que esquentam e esfriam.

O vento continuou, ele continua morno e frio.

Ontem, ao te conhecer, disse ter sentido algo especial em relação a ti. Não sei qual nome dar ao que sinto, mas sei que dizer calma é pouco. Sinto que dizer paz seria impreciso por demais. Algo em ti desperta em mim alguma sensação outra e que, surpreendentemente, já parece-me tão importante.

Ontem eu estarei em Azevedo.

Ontem, pela terceira vez, aquela curva quadrada foi difícil de ser feita pelo motorista do autocarro. Foi preciso recuar e tentar de novo. É possível que, ao entrar naquela pequena rua, o autocarro fique a uma distância exata de 10 centímetros das paredes laterais da rua. Mas não são 10 centímetros

de cada lado. São 5 centímetros de cada lado: o autocarro a uma distância de 5 centímetros das paredes de pedra da fina rua pela qual entramos.

Outro homem caminha lentamente pela pista de asfalto. E eu estou aqui, eu estava lá, eu em ti apenas, te observando, Azevedo. Há pessoas que saem de casa para caminhar, outras para correr, outras saem com seus cães, mas eu não. Eu saí de casa para conhecer Azevedo. Tu perguntas: Azevedo é quem? É teu namorado? Não, não, eu te digo:

Azevedo é um sítio do Porto.

Azevedo é Porto.

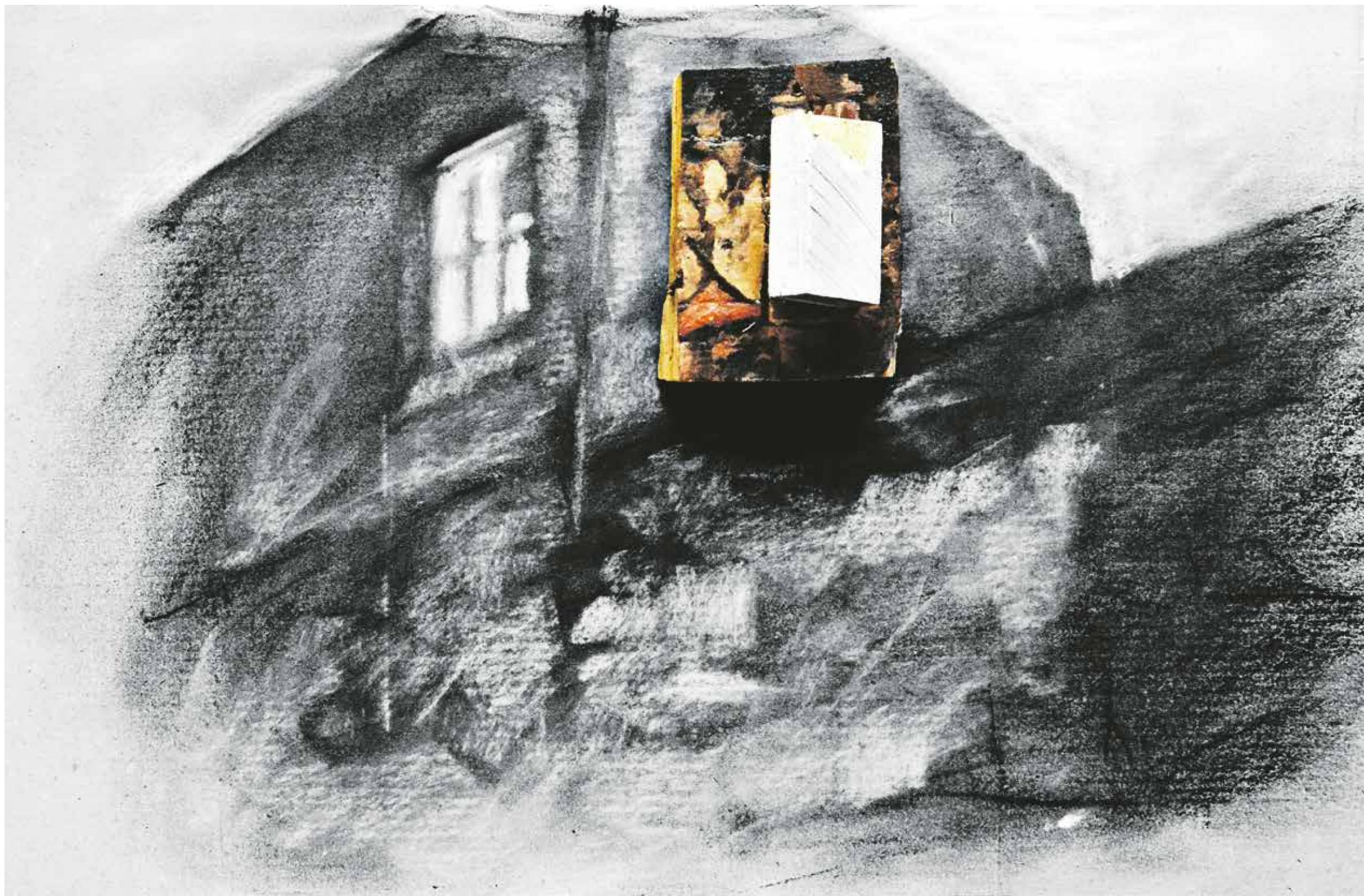
Azevedo é um porto seguro.

Parece haver apenas uma linha de autocarro. A linha 400, a única que consta escrita nas placas das paragens. Passam por nós senhoras, senhores, crianças, cães e gatos. Passei há pouco por uma grande relva na qual quis me deitar, mas senti vergonha. Pensava que tu serias outra coisa, outro sítio, pensava que terias outra aparência. Penso que deve haver algo de especial nessa distância que tu pareces ter do progresso, Azevedo.

Parece que ela estava a pegar sol à janela. Mas o sol hoje foi dormir cedo. Parece que ela está apenas parada. Parada. Sem fazer nada. Qual é o problema? Eu fico espantado quando vejo uma pessoa parada. Parece-me que é preciso sempre estar em movimento. Como é cansativo. Eu preciso aprender como faz para ficar parado e em paz. Por que me assusta tanto essa tua calma, Azevedo?

Permitir o acesso, aumentar a mobilidade, investir em saneamento básico e público, tudo isso é determinante, sem dúvida, mas o que há no progresso urbano que não é assim tão importante?

Porque há progressos e há progressos.



Quais ações podemos fazer com um sítio que não seja apenas pisar nele? Podemos circular Azevedo? Podemos distribuir Azevedo? Podemos transportar Azevedo de um ponto a outro? Podemos esparramar Azevedo por aí? Podemos centrifugar Azevedo?



Qual é o teu nome,
motorista? Parabéns
por hoje! O senhor
conseguiu entrar
naquela fina rua sem
precisar dar à ré.
Parabéns!

Quando escrevo lá em Azevedo, pode ser que tu já estejas em Azevedo. Quando escrevo aqui em Azevedo, pode ser que tu ainda estejas a caminho de lá. Portanto, não tentarei prever onde tu estás nem onde estarás. Parece-me seguro, entretanto, que Azevedo possa estar aqui mesmo quando esteja apenas lá e que possa também estar lá, ainda que esteja aqui, nestas palavras ou mesmo em ti. Azevedo está em mim e em ti, onde Azevedo está?

Quantas vezes tu já amastes um sítio?

Que beleza as coisas ordinárias, não? Fico apaixonado. Eu poderia me apaixonar não por outro ser humano, mas por um sítio.



Respiro
fundo,
Azevedo.

Respiro
fundo e ao
respirar
fundo,...

...Azevedo,
acabo por
te respirar.

Respiro
fundo
Azevedo.



Se há algo comum entre nós, eis o céu, Azevedo. Sigo descendo por ruas e ruelas, descendo um pouco mais, mais para baixo, dentro desse autocarro que parece escorrer pelas ruas do Porto em direção a ti. Sei que tu não estás tão perto porque disseram-me que tu moras mais para lá. Depois da Circunvalação.

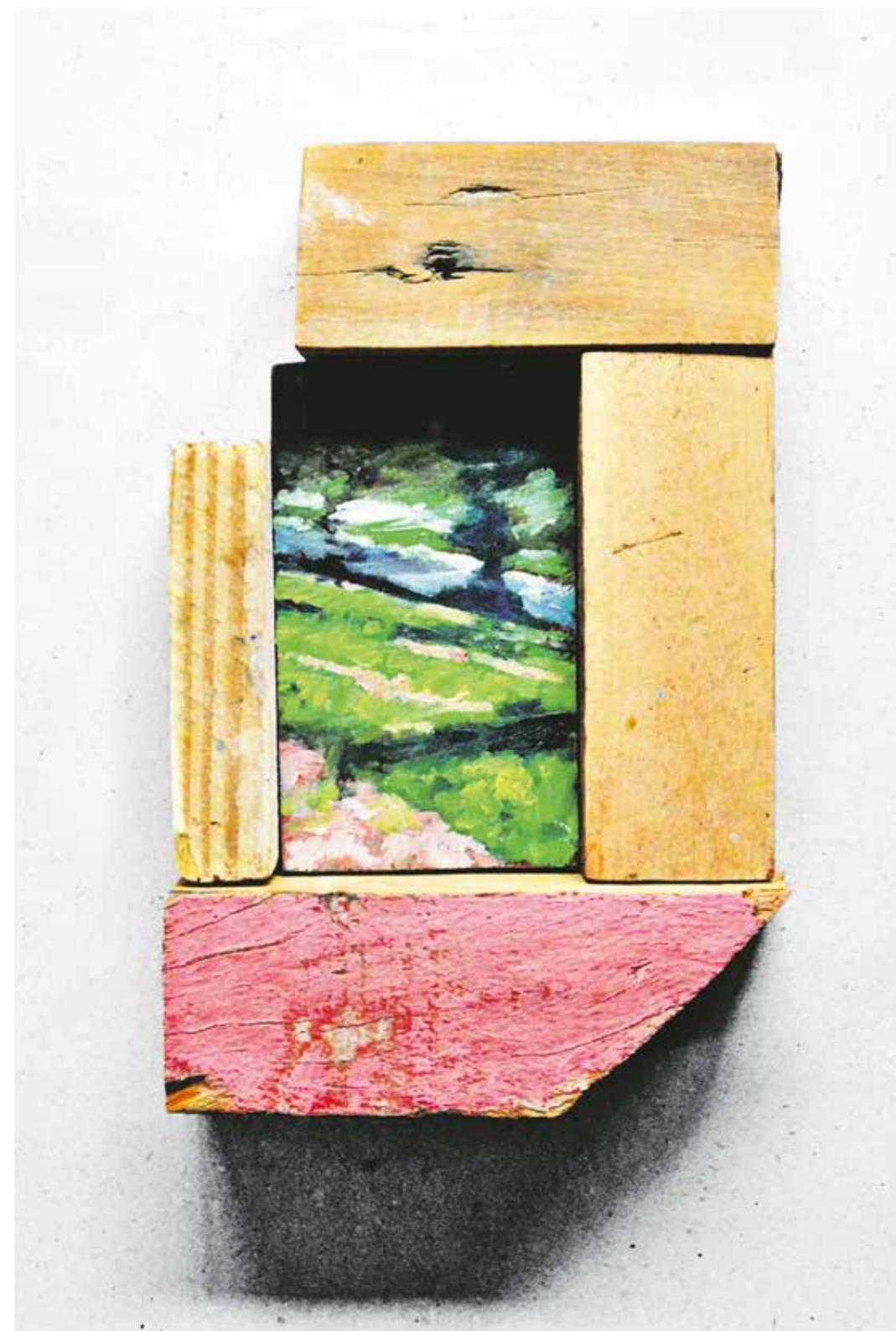
Sento-me nessa pedra, nela me sentei, e os assuntos simplesmente me vieram, como se o próprio sítio me pedisse para falar de cada um deles. Tu me abres a conversa, Azevedo. Sobre o que conversaremos hoje, eu e tu?

Sinto falta do sol. Hoje sinto falta do sol. Ou será que sinto falta de Azevedo?

Sinto-me acompanhado, aqui, nesse autocarro, ainda que não conheça ninguém, sinto-me acompanhado.

Sinto-me em casa, de algum modo. Sento-me nesse restaurante. Peço uma cerveja. Entram e saem do restaurante muitos homens de idades variadas. Parei de fumar, Azevedo. Sinto-me vivo e reaprendendo a respirar. O teu ar ajuda-me a respirar melhor.

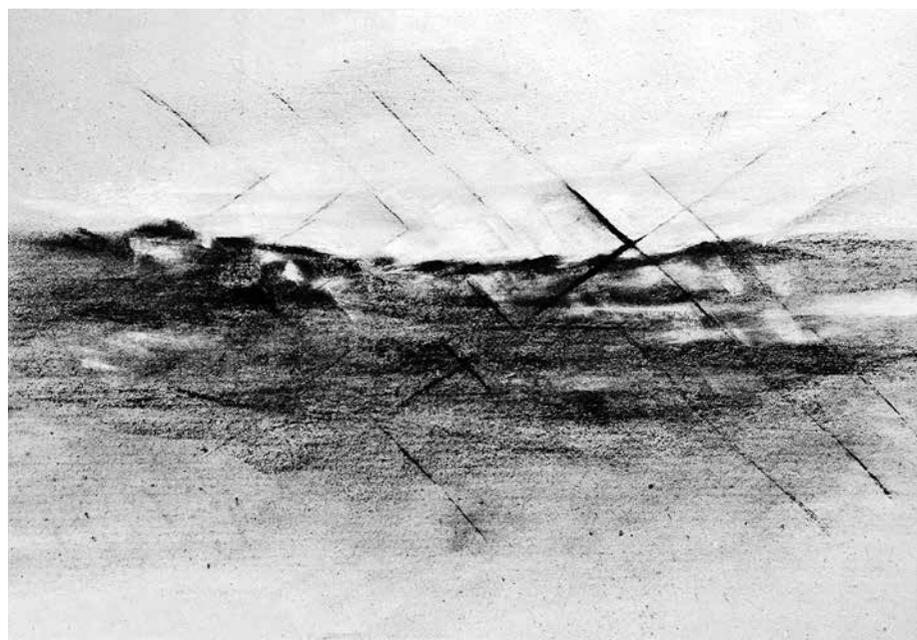
Sobre a pedra, tenho as pernas cruzadas, tenho caneta e caderno em mãos, observo o meu entorno com calma e cuidado. Ainda que eu esteja novamente perfumado, ainda assim, hoje é tu quem atraís toda a atenção de toda a malta. O cheiro da tua relva recém-cortada inebria o campo e as ruas ao redor. Cheiro bom, perfume da infância, hoje já tão longe.



Talvez eu pudesse viver aqui. Talvez, Azevedo, tu pudesses viver um pouco em mim. Tapetes e toalhas pendurados às janelas fazem o mesmo: eles apenas vivem, apenas vivem, não falam tanto como eu falo.

Talvez tu tenhas passado por mim em Azevedo. Eu estava lá, numa tarde qualquer, vestido numa calça jeans, dentro de um sueter preto, barbas e cabelos também pretos, mochila nas costas. Nas mãos, provavelmente, eu trazia um caderno e uma caneta. Nos olhos, com certeza, se tu me olhasses nos olhos, aquilo que tu verias seria apenas Azevedo.

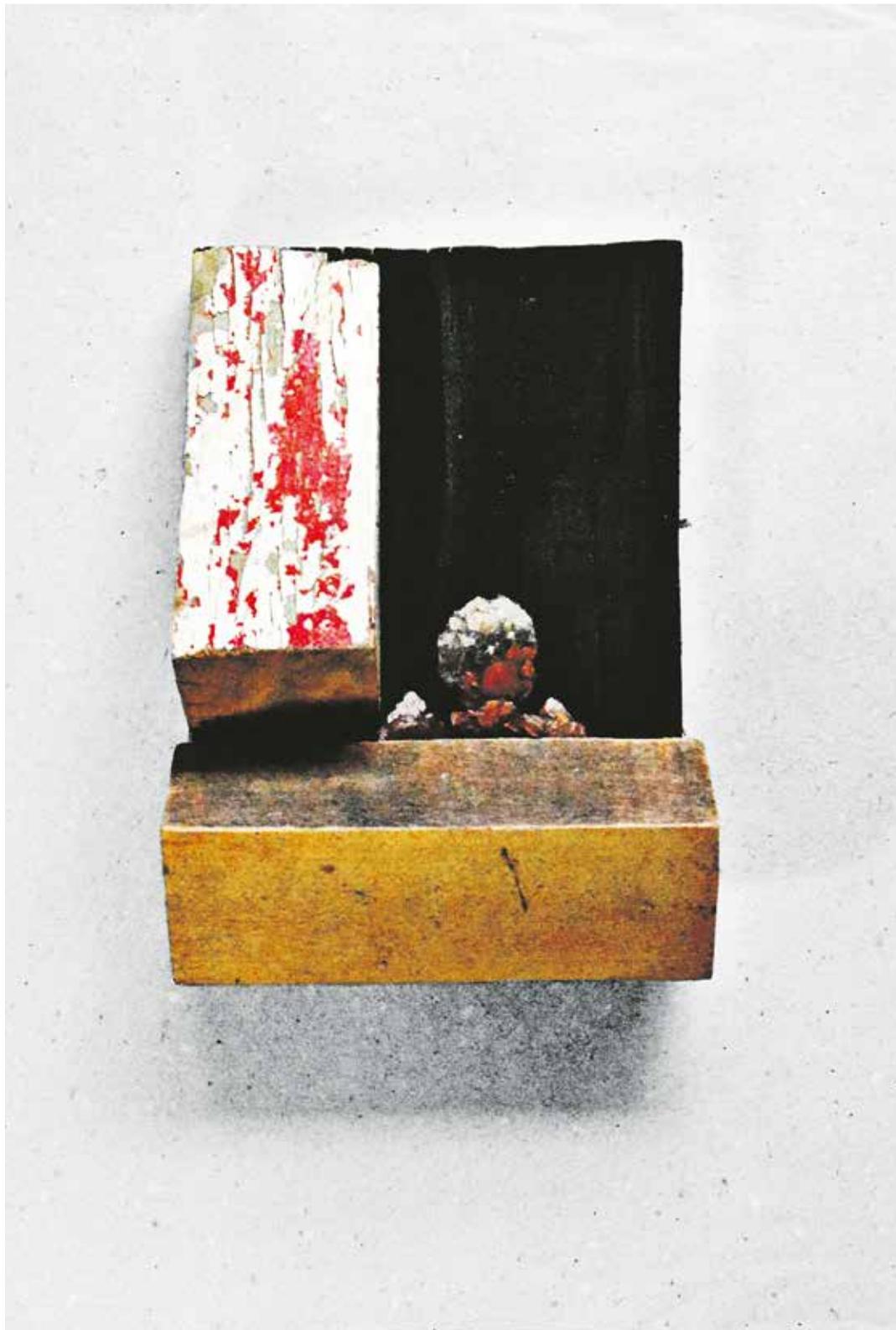
Tomei um pequeno almoço reforçado, um banho quente, passei perfume e coloquei na mochila os meus documentos, um casaco extra, uma garrafa cheia de água. Vesti uma roupa bem limpa e caminhei em direção à paragem do autocarro. Segui minha intuição, mas cheguei numa paragem e não, era engano, não era lá. Segui caminhando, um pouco mais, intuindo que talvez o autocarro que me levaria a ti passaria ali, não, aqui, não, talvez lá, sim, é aqui. Aqui passa o autocarro da linha 400.



Tu és ainda mais belo do que eu imaginava, Azevedo. Tu és ainda mais calma e delicada, Azevedo. Tu podes me usar, estás a ouvir, Azevedo?

Tu podes me usar, podes contar comigo e também podes me contar umas histórias tuas, pois eu quero te conhecer mais e melhor.

Tu és para mim um continente, sabias?



Um bairro? Uma freguesia? Um sítio? Um homem descendo de um autocarro numa paragem chamada Azevedo e pisando sobre as pedras cinzas sob um céu azul.

Um primeiro encontro traz consigo a possibilidade de ser também o último encontro.

Não tenho expectativas, mas vou a ti disponível ao que vier. Não sinto-me nervoso, não, não mesmo, sinto-me desejoso, isto sim, um pouco curioso, talvez, sim, um pouco curioso. Uma criança passa correndo por mim, ela carrega uma sacola de lixo numa das mãos. Em seguida, ela retorna, passando novamente por mim, mas dessa vez sem o lixo nas mãos e sim com um saco cheio de pães.

Um senhor e uma árvore. Eles me chamam a atenção. Eu salto do autocarro na paragem Senhora da Hora. Sento-me e peço um café. Hoje, ainda que o sol esteja presente, faz algum frio. Sentado a tomar o café, olho para o lado de fora da cafeteria e vejo um homem sentado a um banco, bem perto da igreja. Sobre ele, uma árvore praticamente sem folhas. É uma imagem engraçada e curiosa: o homem tem os cabelos arrepiados e também a árvore tem os galhos secos e voltados para o céu (como se pedissem por alguma chuva). Homem de cabelos arrepiados, árvore com galhos também agitados. O quanto um sítio faz de nós uma extensão de si próprio? O quanto o Porto te transforma num Porto? O quanto Azevedo te azeveda?



Uma nova caminhada, longos caminhos, subindo e descendo, relvas e pedras, asfaltos, caminhos e passagens, pontes, placas e águas. Cruzo por pessoas, toda essa malta, de onde são? Gostaria de saber, gostaria de perguntar. As pessoas que te frequentam, Azevedo, aqui nesse parque, lá naquele parque, de onde são, onde moram, de onde eram?

Uma tarde de caminhadas. É prazeroso caminhar sem saber para onde se vai. Eu fui apenas caminhando até encontrar uma pedra na qual pudesse sentar-me e observar o meu redor. Assim o fiz. É lá que estou agora. Consegues me ver, Azevedo? Podes sentir-me sentado a uma pedra tua?

Uns escrevem, outros leem, outros falam, outros pegam sol e outros não dizem nada, Azevedo, não dizem nada e mesmo assim continuam existindo.

Vou até ti, Azevedo, para que a tua calma possa florescer em mim. Para fazer de mim um sítio onde tu possas germinar. Para que após sair de ti, eu siga ventando para todos os lados um pouco dessa cura que tu me permitiu encontrar.

Vivemos tão confinados em cidades, casas e apartamentos, carros e autocarros, que quando encontramos um sítio que nos permite respirar profundamente então percebemos que já não sabemos respirar.

O ar também vai envelhece. Por isto, quando salto em ti, Azevedo, o que faço é respirar fundo. Respiro fundo em Azevedo. Respiro fundo, Azevedo. Respiro Azevedo. Fundo e profundamente. Troco o ar, recarrego as energias, vejo e me revejo, e tudo isto eu faço porque em ti é possível fazer de outro jeito.

Vejo o verde da tua relva e dos teus campos. Contemplo tuas árvores. Observo, emocionado, em tuas esquinas: há potes com água fresca e ração para cães e gatos que teus moradores espalham por ti, Azevedo. O delicado equilíbrio entre ser ar e pedra, entre tuas relva e construções, entre a vida e o viver.

Vejo Azevedo e, através
de Azevedo eu vejo
melhor, com mais calma
e duração. Vejo as tuas
ruínas, vejo a vegetação
se esparramando por
sobre tudo como bem
sabe fazer o amor.



Publicação desenvolvida no âmbito da
micro-história #Centro Cultural Móvel
do projeto azevedo.

Autores:

Diogo Liberano (dramaturgia)
João Paulo Lima (desenho)
Sérgio Couto (design gráfico)

Tiragem:

500 exemplares

Impressão e acabamento:

Empresa Diário Do Porto

Depósito Legal:

???????????????

produção:

pele

parceiro:

 **STCP**

co-financiamento:

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**  **Artes**

 **PORTUGAL 2020**

 **UNIÃO EUROPEIA**

apoio:

 **Freguesia de Campanhã**

